

Liliana Cabral Bastos

[lilianacbastos@gmail.com](mailto:lilianacbastos@gmail.com)

## Interação, múltiplas semioses e corpo: uma interlocução com Charles Goodwin

### Interaction, multiple semioses and embodiment: An interlocution with Charles Goodwin

**RESUMO** – Neste artigo são apresentadas questões em torno da obra de Charles Goodwin, conforme a proposta do Congresso Internacional Linguagem e Interação II. Após uma breve contextualização geral da pesquisa de Goodwin, são retomados aspectos específicos do trabalho encaminhado ao plenário do evento, entre os quais destacam-se: a crítica ao logocentrismo, a crítica aos modelos de interação de Goffman e Bakhtin, a visão da corporificação como um fenômeno social, a visão do afásico como um interlocutor competente e a visão do aprendizado profissional como uma ação colaborativa corporificada. A seguir, são identificados alguns pontos de discussão entre a perspectiva de trabalho de Goodwin, desenvolvido na tradição da Etnometodologia e da Análise da Conversa, e a perspectiva da autora, que se posiciona na tradição da análise sociointeracional do discurso em interface com a análise da narrativa. Entre outras, são levantadas questões relativas à natureza do sistema multissemiótico proposto, sobre a possibilidade de diálogo entre diferentes visões sociais da corporificação e da emoção, e sobre a integração de perspectivas históricas, hierárquicas e morais à microanálise multimodal.

**Palavras-chave:** interação, multimodalidade, corporificação, ação colaborativa, emoção.

**ABSTRACT** – This paper discusses issues raised by Charles Goodwin's research, as proposed by the organization of the II International Conference Language and Interaction. Following a brief contextualization of Goodwin's research, specific aspects of the paper he presented at the conference are addressed, such as his criticism to logocentrism and to Bakhtin's and Goffman's interactional models, his vision of embodiment as a social phenomenon, his vision of an aphasic person as a competent interactant, and his view of professional learning as a collaborative embodied achievement. Some points of discussion between Goodwin's research approach (Conversation Analysis and Ethnomethodology) and the author's approach (Interactional Sociolinguistics and Narrative Analysis) are identified. Among others, the following questions are addressed: the nature of the proposed multissemiotic system, the possibility of dialogue between different social visions of embodiment and emotion, and the integration of history, power and morality in the micro-modality analysis.

**Key words:** minteraction, multimodality, embodiment, collaborative interaction, emotion.

Início agradecendo a organização do congresso pelo convite para estar aqui. Pela confiança em mim depositada para ser a interlocutora de Charles Goodwin, o que é uma grande honra e um desafio. Goodwin é para nós um clássico, um autor que há algumas décadas vem sendo uma das principais vozes no cenário dos estudos da interação social. Situando seu trabalho no campo da Linguística Antropológica, Goodwin traz contribuições para estudos nas mais diversas áreas das ciências humanas e sociais. Com excepcional clareza, mostra toda a complexidade envolvida na ação humana em encontros sociais. No contexto deste congresso, que põe em diálogo diferentes tradições do estudo do discurso e da interação, a presente interlocução torna-se especialmente rica e interessante.

Em uma caminhada marcada pela coerência, Goodwin vem nos mostrando como a linguagem é organizada em atividades sociais da vida cotidiana. Observa

a relevância de cada olhar, gesto, expressão e movimento corporal na sequência de ações – em seu trabalho fica muito clara a convicção da Análise da Conversa etnometodológica de que nenhum detalhe pode ser desprezado, e de que qualquer detalhe pode ser relevante para a análise e compreensão do que está acontecendo. É fascinante como documenta a sincronia dos múltiplos sistemas semióticos em funcionamento, a movimentação de corpos e olhares na dinâmica das interações cotidianas.

O trabalho de Goodwin avança em várias frentes da pesquisa sobre interação. Em uma elegante linha de trabalho, que retoma e dialoga com clássicos do porte de Malinowsky, Bakhtin e Goffman, nos faz ver como a interação acontece não apenas na sequência de turnos, mas também na produção da fala em um turno específico. Suas análises nos esclarecem como o contexto é colaborativamente articulado nos eventos sociais nos quais os atores

estão engajados (cf. Goodwin e Duranti, 1992). E tudo isso nos é apresentado em textos em que as relações são sempre esclarecidas, as fontes e os dados compartilhados. Há um forte compromisso com a legibilidade, com o leitor.

Em obras de natureza mais teórica ou mais analítica, em textos individuais ou em co-autorias, a marca de Goodwin é também essencialmente contemporânea e afinada com o que acontece no mundo que nos cerca. São contempladas questões em discussão em diversas frentes – na sociologia, na antropologia, na psicologia, na linguística e na linguística aplicada. A multimodalidade e a corporificação da ação social, a natureza dos processos interacionais, a construção da ordem social, a construção das emoções são algumas dessas questões. Além disso, se volta para a questão dos excluídos e da injustiça social. Em relação a esse aspecto, gostaria de destacar, especialmente, sua produção em parceria com Marjorie Goodwin, que focaliza a questão do gênero e das feminilidades. A análise que empreenderam das meninas jogando amarelinha é emblemática: com muita clareza, os Goodwin nos mostram como com seus corpos e falas as meninas discutem, disputam, brigam e não apenas conversam e cooperam, como os estudos de gênero costumavam entender.

A pesquisa que nos traz no momento<sup>1</sup> trata de como linguagem humana, cognição, ação e corporificação podem ser investigadas como um fenômeno social. Para tanto, Goodwin nos mostra como um homem afásico pode atuar como um falante poderoso; e, para evidenciar que sua proposta não se restringe à situação específica de um homem com afasia severa, Goodwin nos oferece a análise de uma sequência de ações em escavações de um campo arqueológico. Nessa segunda análise, observa como o conhecimento é organizado através de práticas interativas corporificadas.

Essa investigação traz posições e contribuições importantes e ousadas, que têm, a meu ver, grande impacto para o estudo da interação. Algumas se reportam a formulações teóricas centrais nas ciências humanas e sociais. Entre as propostas que Goodwin traz no trabalho em discussão, destaco as seguintes:

- (a) crítica ao logocentrismo;
- (b) crítica aos modelos de interação de Goffman e Bakhtim;
- (c) visão da corporificação (*embodiment*) como um fenômeno social;
- (d) visão do afásico como um interlocutor competente;
- (e) visão do aprendizado profissional como uma ação colaborativa corporificada.

A defesa de uma análise multimodal da ação social cotidiana é introduzida com uma crítica profunda à tradição milenar logocêntrica, isto é, à visão de que a linguagem verbal é central na ação social. Assim sendo, Goodwin vê como uma limitação que a análise da interação se volte apenas para a linguagem verbal. Segundo ele, a linguagem não é um sistema independente, pois funciona integrada a um sistema ecológico mais amplo.

Para Goodwin, tanto o modelo de Goffman quanto o de Bakhtim, que operam na tradição logocêntrica, focalizam o falante, tornando os outros participantes da interação invisíveis. Embora a estrutura de produção de Goffman seja muito rica e integre na figura do falante múltiplas dimensões – autor, animador, responsável –, não há a mesma “vida semiótica” animando os ouvintes, que são identificados como pontos em uma grade analítica, como possíveis tipos de participação: endereçado, circunstante, intrometido, etc. Na análise da interação com o afásico, Goodwin nos mostra como a ação se faz para além do individual: o falante é distribuído por múltiplos corpos. Trata-se de uma ação entre participantes, que se faz em uma sequência de turnos, entre participantes, o que também não está contemplado no modelo de Bakhtim. O foco não é no individual, na experiência pessoal, mas no que se passa pública e visivelmente entre participantes. Esse é, a meu ver, o grande momento de sua análise.

Assim como a linguagem verbal é vista como central na tradição da pesquisa em linguagem, também a tradição vê o corpo e seus movimentos como fruto de ações individuais. Para Goodwin, o processo de corporificação é feito na interação, em colaboração reflexiva entre participantes de uma ação social. É identificando a sequência de múltiplos sinais semióticos que conseguimos perceber como o afásico é um interagente competente, e como o aprendizado profissional se faz como uma ação corporificada cooperativa.

Até o presente momento, esbocei brevemente, e de uma maneira bem pessoal, o que para mim são aspectos importantes do presente trabalho de Goodwin. Passo agora a tratar mais especificamente da tarefa da qual fui incumbida pela organização do evento: a de dialogar com esse trabalho a partir de um outro lugar acadêmico, ou de uma outra tradição de pesquisa.

Começo esclarecendo que, na tradição de pesquisa na qual venho trabalhando, também nos interessamos pela análise da fala local e situada, pela microanálise, pela interação. Na perspectiva sociointeracional da análise do discurso, trata-se de olhar para o que está acontecendo na atividade de fala. Na tradição de John Gumperz, estamos entre a Etnografia, a Pragmática, a Análise da Conversa, a Etnometodológica e a Sociologia – a propósito, recente-

<sup>1</sup> Esclareço que a organização do congresso me encaminhou, algumas semanas antes do evento, um texto de Goodwin a partir do qual se faria sua conferência. Foi com base nesse texto que organizei a presente interlocução.

mente, Gumperz (2003) afirmou que está em algum lugar entre Heritage e Goffman. Assim sendo, o outro lugar não é tão outro. Gostaria de acrescentar, a esse respeito, que um dos primeiros contatos com a análise da narrativa, presentemente um interesse central na minha linha de pesquisa, deu-se através de “Notes on story structure and the organization of participation” (Goodwin, 1984). Para minha alegria, esse estudo é retomado na introdução do trabalho presentemente em discussão<sup>2</sup>.

Mas, por outro lado, falo também de outro lugar. Um lugar que, ao contrário do que se acredita na perspectiva da análise da conversa, acha interessante, por exemplo, trabalhar com entrevistas de pesquisa, analisar as narrativas nelas produzidas, analisar os sentidos construídos (e não necessariamente as ações) e olhar, como pesquisadora, para as relações entre as dimensões micro e macrosociais. Além disso, nesse nosso território ao sul do Equador, temos nossas próprias especificidades: nossas próprias interlocuções disciplinares e interdisciplinares; nossos próprios dramas e urgências sociais.

Proximidade e distância facilitam, mas também podem dificultar a interlocução. Diante das minhas dificuldades, no processo de pensar a presente interlocução, ocorreu-me ampliá-la discutindo o texto que me foi encaminhado pela organização do congresso com alunos e colegas. Assim, muitos dos comentários, observações e questões que agora trago não foram formuladas especificamente por mim. Estou incorporando – ou ventriloquando, à moda de Bakhtin – outras vozes, de outros corpos<sup>3</sup>.

Como veremos, há tanto questões mais específicas quanto questões que retomam temas que há muitas décadas animam o cenário dos estudos da linguagem. Entre outros, nas conversas mantidas com alunos e colegas, emergiram as perguntas, dúvidas e comentários que passarei agora a apresentar.

Para começar, a crítica ao logocentrismo provoca, de fato, reações fortes. São milênios de tradição, como lembra Goodwin. Muitos de nós, eu inclusive, acreditamos que analisar o discurso verbal pode ser uma investigação interessante, e que pode nos ajudar não só a aprofundar o entendimento da vida em sociedade, como também a ver como se organizam as práticas discursivas. Compreendemos que é uma empreitada que contém limites, mas com eles trabalhamos. Além disso, muitos no grupo lembraram que há atividades sociais nas quais o verbal é de fato central, ou que há questões de ordem mais prática, como atividades que não permitem equipamentos de filmagem, por serem invasivas ou proibidas. Questões burocráticas e/ou éticas também podem inviabilizar o uso de filmagens em empresas, hospitais, escolas. Como lidar com isso tudo?

Uma outra questão diz respeito à ecologia mais ampla do sistema de signos na qual a linguagem verbal funciona. Nos perguntamos sobre a natureza desses sistemas de signos. Outras tradições de pesquisa que também se utilizam do termo multimodalidade, como a Análise Crítica do Discurso, o fazem em referência a sistemas semióticos visuais, presentes na mídia escrita, como tamanho e localização de manchetes e imagens. Os movimentos do corpo (gestos, expressões faciais, movimentos corporais) são um sistema semiótico? Possuem carga semântica própria, livre de contexto, ou funcionariam como índices puros (*pure indexicals*), nos termos de Gumperz (1982; 2003, p. 9)? Ou os dois? E que problemas isso acarreta para a análise da ação (Goodwin, 2000)? Seria necessário para a análise da interação uma descrição mais elaborada desse sistema? Ou não?

Assim como a palavra multimodalidade, a palavra *embodiment*, que tem sido traduzida em português como incorporação (cf. Rezende e Coelho, 2010) ou corporificação, está sendo usada em diferentes tradições de pesquisa. Corporificação, na obra de Goodwin, parece remeter basicamente a movimentos corporais. Nos perguntamos se é possível, ou desejável, que tal análise do corpo dialogue com outros estudos que veem o corpo como um projeto, como tecnologia (o ciborgue de Haraway (2000 [1991]), por exemplo), ou estudos que veem o corpo semiotizado em uma perspectiva histórica?

Goodwin deixa bem claro que sua abordagem da emoção não é semântica, nem psicológica. Outros estudos sociológicos da emoção têm também tomado uma linha semelhante à de Goodwin, entendendo a empreitada analítica como social e não essencialista. No entanto, nesses estudos a emoção é perpassada por relações de poder, hierarquias, concepções de moralidade e demarcações de fronteiras entre os grupos sociais (cf. Abu-Lughod e Lutz, 1990; Rezende e Coelho, 2010). Até que ponto interessa dialogar com tais trabalhos?

No já mencionado estudo sobre narrativa, há um casal de classe média (como Goodwin a eles nos apresenta) que ridiculariza o papel de parede da casa dos amigos. A análise dessa interação focaliza a dinâmica de corpos e olhares na construção de narradores e personagens da história. No estudo sobre a aula prática de arqueologia, o foco da análise recai sobre o aprendizado do processo de classificação. Nos dois casos, nos são apresentadas análises detalhadas, concretas, técnicas. A muitos de nós ocorreu perguntar: quais seriam as relações de poder entre os participantes? Como isso orienta a construção de suas identidades? Como se faz a sociabilidade no grupo e que recursos de humor estão sendo utilizados? Como

<sup>2</sup> Na versão escrita do texto de Goodwin, à qual já me referi na nota 1.

<sup>3</sup> Agradeço, muito especialmente, aos seguintes colegas e alunas/os por suas contribuições: Inés Kayon de Miller, Isabel Moraes Bezerra, Maria do Carmo Leite de Oliveira, Maria das Graças Dias Pereira, Livia Miranda de Oliveira, Liana Biar, Talita de Oliveira, Julio Cesar Giannini e Rodrigo Borba.

se dá a vida moral do grupo, quais seriam os momentos de constrangimento, ou de prazer?

Assim, nos é apresentada uma análise precisa, detalhada, concreta, objetiva e técnica. O aspecto social emerge, sobretudo, como o que é tornado público na interação. Onde ver aí, por exemplo, o olhar antropológico e interpretativista de Geertz? Ou até que ponto um olhar tão localizado, tão técnico, tão exaustivo nos deixa ver a dimensão social, cultural, histórica, política, ideológica? Nos estudos de Goodwin, essas questões costumam constar do enquadramento teórico e metodológico dos textos; no entanto, elas não são desenvolvidas nas análises. O foco nos procedimentos micro seria uma questão de escolha do analista, de divisão de trabalho, ou uma convicção teórica? Seria necessário, em primeiro lugar, resolver todos os procedimentos micro e técnicos para então ampliar a reflexão?

Para fechar essa interlocução, gostaria de acrescentar dois desafios de pesquisa levantados pelo trabalho de Goodwin. Talvez não para ele, mas para nós que acreditamos nos procedimentos de análise propostos, mas que queremos conjugá-los a outros interesses.

O primeiro desafio seria como proceder para que uma análise tão técnica, detalhada, convincente, etc. possa tratar simultaneamente de questões sociais mais amplas e morais. Como lidar com agência, desejo, comprometimento, crenças? Ou como tratar dessas questões de uma forma mais central na análise?

Um segundo desafio, a meu ver, seria pensar como tornar mais operacional e mais acessível, o instrumental de análise utilizado. O pesquisador que deseje utilizar esse aparato de pesquisa pode não ser especialista, ou não ter interesse específico no procedimento analítico, mas seu trabalho pode se beneficiar de uma metodologia de análise mais válida (para fazer uso um termo da tradição positivista). Claro que há outras propostas, como a que Goodwin apresenta, de trabalhar na interface da antropologia e da análise da conversa, mas, em geral, as dificuldades práticas e a complexidade da análise são grandes.

Embora a tecnologia esteja cada vez mais acessível, o vocabulário técnico usado nos relatórios de analistas da conversa assim como suas teorizações estão cada vez mais complexos e sofisticados. As formulações teóricas

são pouco acessíveis para não iniciados. O profissional pós-moderno teria tempo para um aprendizado tão especializado?

Para terminar, gostaria de reiterar que considero Charles Goodwin um pensador denso, original e criativo, que produz textos impecáveis. Espero que, para a audiência, assim como o foi para mim, tenha sido enriquecedor ter um contato mais profundo com o trabalho de Goodwin. Aprendi muito, relendo alguns textos clássicos – como a introdução, escrita em coautoria com Alexandro Duranti, do volume *Rethinking Context* (Goodwin e Duranti, 1992) – e lendo muitos outros que não conhecia, e que me foram encaminhados por Ana Cristina Ostermann, uma das organizadoras do evento. Termino então agradecendo a Charles Goodwin e, mais uma vez, à organização deste evento por essa oportunidade ímpar.

## Referências

- ABU-LUGHOD, L.; LUTZ, C. 1990. *Language and the politics of emotion*. Cambridge, Cambridge University Press, 217 p.
- GOODWIN, C. 1984. Notes on story structure and the organization of participation. In: J. ATKINSON; J. HERITAGE, *Structures of social action. Studies in conversational analysis*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 225-245.
- GOODWIN, C. 2000. Action and embodiment within situated interaction. *Journal of Pragmatics*, 32(10):1489-1522. [http://dx.doi.org/10.1016/S0378-2166\(99\)00096-X](http://dx.doi.org/10.1016/S0378-2166(99)00096-X)
- GOODWIN, C.; DURANTI, A. 1992. Rethinking context: an introduction. In: A. DURANTI; C. GOODWIN (orgs.), *Rethinking context: Language as an interactive phenomenon*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 1-42.
- GUMPERZ, J. 1982. *Discourse strategies*. Cambridge, Cambridge University Press, 225 p. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511611834>
- GUMPERZ, J. 2003. Response essay. In: S. EERDMANS; C.L. PREVIGNANO; P.J. THIBAUT, *Discussions with John J. Gumperz*. Amsterdam, John Benjamins, p. 105-126.
- HARAWAY, D. 2000 [1991]. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: T.T. SILVA (org.), *A antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-modernismo*. Belo Horizonte, Autêntica, p. 37-129.
- REZENDE, C.B.; COELHO, M.C. (orgs.). 2010. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro, FGV, p. 136.

Submissão: 30/06/2010

Aceite: 27/07/2010

### Liliana Cabral Bastos

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Rua Marques de São Vicente 225,  
22453-900, Gávea  
Rio de Janeiro, RJ, Brasil